

FICHA TÉCNICA

Título original: *Istanbul — Hatıralar ve Şehir*

Autor: *Orhan Pamuk*

Copyright © Yapi Kredi Kültür Sanat Yayıncılık Ticaret ve Sanayi A. Ş., 2003

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2008

Tradução: *Filipe Guerra*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Julho, 2008

8.ª edição, Lisboa, Setembro, 2016

Depósito legal n.º 310 905/10

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (excepto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

1. O outro Orhan	11
2. As fotografias da sombria casa-museu	17
3. «Eu»	26
4. A tristeza dos <i>konak</i> destruídos dos paxás: a descoberta das ruas	35
5. Preto e branco	42
6. A descoberta do Bósforo	55
7. As paisagens do Bósforo nos desenhos de Melling	68
8. O meu pai, a minha mãe e as ausências de ambos	83
9. Outra casa: Cihangir	90
10. <i>Hüzün-Mélancolie-Tristesse</i>	97
11. Quatro escritores solitários do <i>hüzün</i>	114
12. A minha avó paterna	121
13. Dissabores e prazeres da escola	126
14. OÃHC ON RIPSUC ODIBIORP	134
15. Ahmet Rasim e os outros epistológrafos urbanos	138
16. Não se anda de boca aberta na rua	144
17. O prazer de desenhar	150
18. A coleção de saberes e de curiosidades de Reşat Ekrem Koçu: a <i>Enciclopédia de Istambul</i>	155
19. Conquista ou Queda? Constantinopla torna-se turca	175
20. A religião	180
21. Os ricos	191
22. Os barcos que passam no Bósforo, os incêndios, a pobreza, as mudanças de casa e outras catástrofes	202
23. Nerval em Istambul: os passeios em Beyoğlu	219
24. O périplo melancólico de Gautier pelos subúrbios.....	224

25. Pela bitola do olhar ocidental.....	234
26. A melancolia das ruínas: Tanpınar e Yahya Kemal nos subúrbios ...	245
27. O pitoresco dos subúrbios	253
28. Como eu pintava Istambul	263
29. Pintura e felicidade familiar	270
30. O fumo dos barcos a vapor no Bósforo	275
31. Flaubert em Istambul: o Oriente, o Ocidente e a sífilis	282
32. Irmão mais velho — irmão mais novo: discussões e brigas	289
33. Estrangeiro numa escola estrangeira	297
34. Estar triste é detestar-se e detestar a cidade	311
35. Primeiro amor	319
36. Os <i>vapur</i> do Corno de Ouro.....	335
37. Uma discussão com a minha mãe: paciência, circunspeção, arte	349
 SOBRE AS FOTOGRAFIAS.....	 363

*Para o meu pai, Gündüz Pamuk
(1925-2002)*

A beleza de uma paisagem reside na sua tristeza

AHMET RASIM



1

O OUTRO ORHAN

Desde a minha infância, e durante muitos anos, sempre tive num cantinho da cabeça a ideia de que existia, algures nas ruas de Istambul, outro Orhan que era igual a mim, meu gémeo, ou mesmo meu duplo. Não consigo recordar-me donde me veio nem como nasceu esta impressão. Teria acabado por me surgir, certamente, na sequência de um longo período entretido de mal-entendidos, de coincidências, de jogos e de angústias. Deixem-me contar-lhes um dos primeiros momentos em que a vivi mais concretamente, e assim explicar o que senti quando se manifestou em mim.



Quando tinha cinco anos, fui mandado para outro apartamento durante algum tempo. Os meus pais, em consequência de uma daquelas separações que se seguiam às suas zangas, acabaram por voltar a juntar-se em Paris, e eu e o meu irmão, que tínhamos ficado em Istambul, fomos cada qual para seu lado. O meu irmão mais velho ficou com a minha avó e o resto da família, na Residência Pamuk situada em Nişantaşı, e eu fui mandado para casa da minha tia, em Cihangir. Numa parede desse apartamento, onde sempre fui recebido com um sorriso e muito amor, encontrava-se,



numa moldura branca, a fotografia de um rapazinho. De vez em quando a minha tia, ou o marido, apontava para a foto e dizia a sorrir: «Olha, és tu.»

É verdade que o gentil menino de olhos muito grandes se parecia um pouco comigo. Tinha na cabeça um boné semelhante ao que eu usava quando saía à rua. No entanto, eu sabia que aquela foto não era a minha. (Era, na realidade, a reprodução *kitsch* da fotografia* de um petiz muito querido, trazida da Europa.) Era então esse o outro Orhan que vivia noutra casa e no qual eu pensava tanto?

Entretanto, também eu começara a viver noutra casa. Era como se me tivesse mudado com a finalidade de encontrar o meu igual que vivia noutra morada em Istambul, mas não estava de modo algum encantado com esse encontro. Queria voltar para a minha verdadeira casa, na Residência Pamuk. Quando me diziam que a fotografia na parede era a minha, todas as perguntas que fazia a mim mesmo sobre aquela fotografia — a fotografia de alguém que se parecia comigo —, sobre a minha outra casa, sobre mim próprio punham-me a cabeça em água; só queria voltar para a minha casa, estar sempre com as outras pessoas da minha grande família.

* Ver a nota «Sobre as Fotografias» no final do volume, páginas 363/364.



O meu desejo realizou-se e voltei rapidamente para a Residência Pamuk. Mas nunca mais me abandonou a ideia de que outro Orhan vivia algures em Istambul. Durante toda a minha infância e adolescência, este fascinante pensamento manteve-se sempre vivo num recanto de acesso fácil do meu pensamento. Nos passeios que dava pelas ruas de Istambul nas noites de Inverno, enquanto tentava ver o interior de algumas casas iluminadas por uma luz cor-de-laranja, imaginando que moravam ali pessoas felizes e contentes levando uma vida sossegada, arrepiava-me de repente a ideia de que outro Orhan talvez vivesse numa dessas moradias. Ao longo dos anos, esta imaginação transformou-se em fantasia, e a fantasia numa cena de sonho. No meu sonho, o encontro com o outro Orhan, que se passava sempre noutra casa, fazia-me por vezes gritar de medo. Os dois Orhan olhavam-se em silêncio e com um sangue-frio surpreendente e implacável. Nesses momentos, em que me encontrava entre o sono e a vigília, agarrava-me com mais força à almofada, à casa, à rua, ao sítio em que vivia. Quando estava triste, imaginava que ia à outra casa, ao outro mundo onde vivia o outro Orhan, e matava o tempo pensando tanto nesse outro Orhan que chegava a acreditar que fazia parte dele. Estes devaneios tornavam-me tão feliz que já não sentia a necessidade de ir para outra casa.



Chegamos agora ao cerne da questão: desde o meu nascimento que nunca abandonei as casas, as ruas e os bairros das minhas origens. Sei que há uma ligação entre o facto de habitar ainda e sempre, cinquenta anos depois (mesmo que tenha morado ocasionalmente noutros locais de Istambul), na Residência Pamuk, a partir da qual a minha mãe me deu a conhecer o mundo pela primeira vez, comigo ao colo, e na qual foram tiradas as minhas primeiras fotografias, e a consolação que consiste em acreditar na ideia de que existe outro Orhan noutro ponto de Istambul. É por isso que sinto que a minha história tem algo de especial para a cidade e para mim próprio: numa época marcada pela abundância das migrações e pela criatividade dos migrantes continuei no mesmo lugar e na mesma casa durante meio século. A minha mãe dizia-me sempre num tom de tristeza: «Sai, vai a outro lado, faz uma viagem.»

Há autores, como Conrad, Nabokov, Naipaul, que conseguiram escrever mudando de língua, de nacionalidade, de cultura, de pátria, de continente e mesmo de civilização. A criatividade, neles, foi buscar alento precisamente ao seu exílio ou migração. Da mesma forma, sei que a minha ligação à mesma casa, à mesma rua, e à cidade, influenciaram a minha identidade. Esta ligação a Istambul significa que o destino da cidade passa a fazer parte do carácter dos seus naturais.

Duzentos anos antes do meu nascimento, Flaubert visitou Istambul e, impressionado com as gentes e a originalidade da cidade, escreveu numa carta que, no espaço de um século, pensava ele, Constantinopla se tornaria «a capital da Terra». Contrariamente a esta previsão, o Império Otomano desmoronou-se e acabou por desaparecer. Na época em que nasci, Istambul, como cidade de importância mundial, vivia os seus tempos mais fracos, mais miseráveis, mais sombrios e menos gloriosos dos seus dois milénios de história. Em todo o decurso da minha vida, o sentimento da ruína do

Império Otomano e da tristeza pela miséria dos escombros que cobriam a cidade representaram os elementos característicos de Istambul. Passei a vida a lutar contra esta tristeza, ou então — como acontece com todos os habitantes de Istambul —, a tentar apropriar-me dela.

Quem quer dar um sentido à sua existência interroga-se também, pelo menos uma vez na vida, sobre a situação e a época em que nasceu. O que significa nascer em certo lugar do mundo e em determinado momento da História? A família, o país, a cidade que nos são atribuídos como um bilhete de lotaria, que nos pedem que amemos e que acabamos por amar na maior parte das vezes, serão fruto de uma partilha equitativa? Por vezes, ao ver as ruínas e as cinzas do Império Otomano, sinto que tive azar em nascer em Istambul, em nascer nesta cidade a envelhecer num ambiente de derrota, de miséria e de tristeza. (Porém, uma voz dentro de mim diz-me que não, que isso, na realidade, é uma sorte.) No que toca a riqueza, acontece-me pensar às vezes que tive sorte em nascer numa família abastada de Istambul (embora haja quem diga o contrário). A maior parte do tempo, contudo, penso que Istambul, o lugar onde nasci e onde passei toda a minha vida, faz parte do meu destino — tanto como o meu corpo (se ao menos pudesse ter os ossos um pouco mais largos e fosse um pouco mais bonito...) e o meu sexo (a minha sexualidade dar-me-ia menos problemas se eu fosse mulher?), coisas de que acabei por me convencer que não devia queixar-me — e que, fazendo parte do meu destino, não pode ser posto em questão. Este livro é sobre esse destino...

Nasci a 7 de Junho de 1952, pouco depois da meia-noite, num pequeno hospital privado de Moda, em Istambul. Nessa noite os corredores, tal como o mundo, estavam calmos. Exceptuando a erupção do vulcão Stambolini na Itália, que projectava chamas e cinzas havia dois dias, nada aconteceu de sensacional no nosso planeta. Os jornais falavam sucinatamente dos soldados turcos que tinham embarcado para a guerra na Coreia do Norte, e de alguns rumores de fonte americana que davam a entender que os norte-coreanos se preparavam para utilizar armas biológicas. Mas as verdadeiras informações que a minha mãe, como a maioria dos istambulenses, leu atentamente poucas horas antes do meu nascimento tinham que ver com a «nossa cidade»: eram sobre o horrível mascarado que entrou numa casa pelo postigo da casa de banho. Posto em fuga pelos guardas-nocturnos e pelos «corajosos» estudantes da residência universitária Konya, o ladrão reincidente foi apanhado numa serração, onde se suicidou depois de ter insultado os polícias que iam no seu encalço. No dia seguinte, um comerciante de tecidos identificou o corpo do bandido, que, de arma em punho, tinha também assaltado a sua loja em Harbiye no ano anterior, em pleno dia. A minha mãe, sozinha no hospital, lia estas informações porque, como me contou anos depois com alguma irritação e tristeza, o meu pai, como eu nunca mais nascia, impacientou-se e foi ter com os amigos. A minha tia, que

consequira entrar no hospital a altas horas da noite saltando o gradeamento, era a única pessoa ao lado da irmã na sala de partos. A minha mãe, quando me viu depois do parto, comparando-me ao meu irmão que nascera dois anos antes, achou-me mais frágil e magro.

Talvez devesse dizer que ela «me teria achado» assim. Com efeito, o modo condicional composto¹, utilizado para contar as coisas que não se viveram directamente, ou os sonhos e os contos, e que me agrada muito, parece ser o que melhor se adapta a relatar os momentos em que ainda estamos no berço, ou no carrinho, ou dando os primeiros passos. As nossas primeiras experiências da vida são-nos contadas anos mais tarde, pelos pais, e é verdade que ficamos extremamente contentes por ouvi-los narrar a nossa própria história; quando eles nos falam das nossas primeiras palavras, dos nossos primeiros passos, ouvimo-los com a sensação de que se trata da história de outra pessoa. Mas esta agradável impressão, que nos evoca o prazer de nos vermos num sonho, também nos lança na alma um hábito que nos inquirará tudo ao longo da vida: o hábito de atribuímos um sentido ao que vivemos — mesmo as alegrias mais intensas — em função do olhar dos outros. Estas «recordações» da primeira infância, de que tomamos conhecimento pelos outros ao ouvi-los com prazer, e de que nos apropriamos pensando que começamos a lembrar-nos delas, passamos a contá-los aos outros com convicção. Da mesma maneira, as diversas coisas que fazemos na vida começam, com o tempo, a assumir a forma de recordação, e esta forma evocativa acaba por tornar-se mais importante do que aquilo que realmente vivemos. Na maior parte das vezes, tal como acontece com a nossa vida, captamos o significado da nossa cidade através do que nos contam os outros.

Nos momentos em que considero como recordação pessoal o que os outros dizem a meu respeito e a respeito de Istambul, também me apetece escrever deste modo: «Ter-me-ia dedicado à pintura durante um certo tempo, teria nascido em Istambul e aí teria crescido, teria sido um rapaz mais ou menos curioso e, a partir dos vinte e dois anos, não sei por que razão, teria começado a escrever romances.» Teria gostado de escrever este livro deste modo, porque confere à narrativa da vida a impressão de que se trata da história de outra pessoa, dando-lhe a forma de um sonho agradável em que a voz e a vontade do narrador se esbatem. Mas também penso que apresentar assim uma história, em forma de conto, não seria credível, na medida em que ela nos colocaria no limiar de uma segunda vida onde, uma vez terminado o conto, como se acabássemos de sair de um sonho, as coisas pareceriam mais verdadeiras e mais precisas. Na realidade, a segunda vida que eu e os meus semelhantes possamos ter não é mais do que o livro que temos nas mãos. Isso depende também da tua atenção, leitor. É necessário que dê provas de franqueza para contigo, e que tu dês provas de solicitude para comigo.

¹ Em turco, esta forma verbal forma-se com o sufixo — *miş*. (NT)

AS FOTOGRAFIAS DA SOMBRIA CASA-MUSEU

A minha mãe, o meu pai, o meu irmão mais velho, a minha avó paterna, as minhas tias, os meus tios e respectivas mulheres: vivíamos todos juntos, espalhados pelos cinco andares do mesmo prédio. Um ano antes do meu nascimento, a grande residência de pedra, com inúmeras divisões e espaços diversos em que morávamos todos, à maneira das grandes famílias otomanas, tinha sido abandonada e alugada a uma escola primária privada, e nós mudámo-nos para o prédio «moderno», construído em 1951 no terreno contíguo, ostentando orgulhosamente à entrada,



como se usava na época, uma placa com a menção *Pamuk Apt.* Nós ocupávamos o quarto andar. Em cada um dos pisos, a que eu comecei a subir e a descer ao colo da minha mãe, havia um ou dois pianos. O meu tio, que vejo a ler o jornal de cada vez que o evoco, tinha sido o último a casar-se e, com a esposa e o piano, instalou-se no primeiro andar, onde iria morar durante meio século, olhando pela janela as pessoas a passarem na rua. Aqueles pianos que ninguém tocava despertavam em mim um sentimento de tristeza, uma melancolia.

Além desses pianos mudos, das cristaleiras e armários que enchêramos de porcelanas chinesas, de chávenas, de talheres de prata, de açucareiros, de caixas de rapé, de copos de cristal, de frascos de água de rosas, de pratos, de incensórios, sempre fechados à chave (e sob os quais um carrinho ficaria um dia entalado), ou ainda as estantes com ornamentos de madreperola, os chapéus inutilizados pregados nas paredes, os guarda-ventos em estilo arte nova ou japonês mas que não serviam para isolar fosse o que fosse, ou ainda o armário de biblioteca onde o meu tio, antes de emigrar para os Estados Unidos vinte anos antes, arrumara os seus livros de medicina que ali ficaram, encadernados e cobertos de pó, sem que os batentes tivessem sido abertos uma vez que fosse, havia ainda uma infinidade de objectos e móveis que atulhavam os diversos andares do prédio; e tudo isso despertava em mim o sentimento de que essas coisas não estavam lá para serem utilizadas, mas expostas com a finalidade de lembrar a morte. (Por vezes, uma mesinha baixa ou uma caixa decorada com gravuras deslocava-se misteriosamente da sala de um andar para a de outro.)

A nossa avó, quando nos via sentar com pouca delicadeza naquelas poltronas com ornamentos de madreperola e fios prateados, chamava-nos a atenção: «Estejam sossegados nos assentos!» Por trás do arranjo das salas de estar — que se assemelhavam mais a um pequenino museu destinado a receber visitantes imaginários sem data de passagem conhecida do que a locais de lazer e tranquilidade — notava-se muito claramente o desejo de ocidentalização. (A consciência de uma pessoa que não jejua no mês do Ramadão sente-se menos atormentada no meio dos aparadores e dos pianos do que numa casa onde tem de se sentar de cócoras num divã com as costas apoiadas em coxins.) No espaço de cinquenta anos, não só em Istambul mas também no resto da Turquia, as salas tornaram-se lugares utilizados para expor, de maneira bastante triste (e por vezes poética) e com a preocupação de as encher sempre um pouco mais, símbolos de riqueza e de ocidentalização. Mas não se sabia muito bem para que servia esta prática de influência ocidental, a não ser o facto de libertar as pessoas das exigências religiosas, e começou a ser abandonada em finais dos anos setenta, com a entrada da televisão nos lares. Daí em diante, o prazer de as pessoas se reunirem diante do televisor, de falarem e rirem a propósito do filme ou do noticiário que acabou de se ver, fez com que as salas passassem de museus a pequenos cinemas. Lembro-me no entanto de ter encontrado famílias antigas que instalaram a televisão numa saleta de entrada e que só abriam a sua sala-museu por ocasião dos dias de festa, ou então para receberem convidados muito importantes.

Na Residência Pamuk, como havia um vaivém incessante entre os diferentes aposentos da moradia da grande família, as portas dos apartamentos estavam quase sempre abertas. Nos primeiros anos de escola do meu irmão mais velho, eu pedia autorização à minha mãe e ia para o andar de cima, ou ia com ela. De manhã, quando a minha avó paterna ainda estava deitada,

brincava sozinho nos grandes e pesados tapetes da sala que àquelas horas matinais, por causa dos cortinados de tule fechados e da proximidade dos prédios do outro lado da rua, se parecia com a loja de um antiquário. Brincava aos «garagistas» alinhando os carrinhos que me tinham trazido da Europa, numa ordem preestabelecida, ou então brincava a «deixar a terra» evitando andar por cima dos tapetes que se prolongavam até ao corredor e que eu imaginava serem o mar, saltando de móvel para móvel — de uma poltrona para uma mesa, por exemplo —, imaginando-as pequenas ilhas no meio do mar (a exemplo do Barão empoleirado de Calvino que passava a vida a saltar de árvore em árvore sem nunca tocar com os pés no chão), ou então, inspirado pelas carroças que vira em Heybeliada, divertia-me a guiar um coche escarranchado no braço de uma poltrona. Quando ficava cansado de brincar, era a vez de a imaginação me esgotar, pois o aborrecimento era tanto que a forçava a transformar os quartos, as salas, os gabinetes de trabalho, as camaratas militares, os quartos hospitalares, as repartições administrativas em lugares completamente diferentes — prática que nunca abandonei ao longo da vida —, e punha-me a contemplar desesperadamente a mesa de jantar, os tripés e as paredes que me rodeavam, sem encontrar qualquer divertimento que não fosse olhar para as fotografias.

Como o uso que se fazia dos pianos era o mesmo nos andares inferiores, na altura eu pensava que eles serviam de expositores para as fotos emolduradas. Tanto na sala de estar comum como na sala da minha avó, podiam ver-se fotografias dos mais diversos tamanhos em cima de todo e qualquer objecto que tivesse uma superfície plana. No lugar mais visível da sala, por cima da lareira que nunca se acendia, encontravam-se lado a lado, em duas molduras pregadas à parede, o enorme retrato do meu avô paterno, falecido em 1934, e o da minha avó. Aquelas grandes fotografias, retocadas e transformadas de clichés a preto e branco em fotos a cores, em que os meus avós se viravam um para o outro ao mesmo tempo que fixavam a objectiva, levavam-me a pensar nos selos de alguns países europeus em que se via um rei e uma rainha na mesma postura, e davam a perceber ao visitante que entrasse na sala-museu que tinha sido a partir deles que toda a história começara.

Eram ambos de Gördes, uma localidade adstrita a Manisa, e oriundos de uma família a que chamavam os Pamuk² por causa da pele e do cabelo muito claros. A minha avó tinha sangue circassiano, como aquelas grandes e belas raparigas que eram mandadas havia séculos para o harém imperial. Aquando da guerra otomano-russa entre 1877 e 1878, o pai dela tinha emigrado para a Anatólia, depois a família instalara-se em Izmir (falava-se por vezes da casa abandonada em Izmir), tendo-se depois mudado para

² Pamuk em turco é «algodão». (NT)

Istambul onde o meu avô estudou engenharia civil e fez em seguida fortuna nas construções de caminhos-de-ferro em que a República da Turquia investia muito dinheiro; depois montara, na margem da ribeira de Göksu que desagua no Bósforo, uma grande cordoaria que fabricava desde cordel utilizado na secagem do tabaco até aos grossos cabos de amarração. Morreu em 1934, aos cinquenta e dois anos, tendo deixado uma fortuna imensa que o meu pai e o meu tio não conseguiram delapidar a despeito das numerosas bancarrotas que iriam sofrer as suas diversas empresas.

Nas paredes do escritório que dava para a sala podiam ver-se grandes molduras, penduradas com uma grande preocupação de simetria, que enquadravam as fotografias da nova geração, tiradas e retocadas pelo mesmo fotógrafo que se divertira a colori-las a pastel. O meu tio Özhan, que emigrou para os Estados Unidos depois de tirar o curso de medicina, nunca mais voltou à Turquia porque não tinha feito o serviço militar, o que dava à minha avó a possibilidade de manter uma espécie de luto permanente. Esse meu tio era gordo e parecia gozar de boa saúde. O meu tio Aydın, mais novo do que ele, usava óculos e, tal como o meu pai, era engenheiro civil. Meteu-se muito cedo em grandes empreitadas que lhe iriam levantar sérias dificuldades. Quanto à minha tia, que estudou piano durante muitos anos e continuou essa actividade em Paris, acabou por abandonar a música para se casar com um professor assistente da faculdade de medicina com quem se instalou no apartamento do último andar, nas águas-furtadas, para onde mais tarde eu me mudei e onde estou agora a escrever este livro.



Quando se saía do escritório, mais triste ainda por causa da luz que emanava do lustre de cristal, e se entrava na enorme sala, a vida tomava logo outro aspecto no meio de tantas fotografias, mais pequenas e não retocadas, a preto e branco. Eram as fotos dos noivados e dos casamentos de todos os filhos, tiradas por um fotógrafo profissional em frente do qual as pessoas posavam nos grandes eventos, as primeiras fotografias a cores

enviadas pelo meu tio dos Estados Unidos, as de refeições festivas nos parques de Istambul, as margens do Bósforo, a Praça de Taksim, retratos da minha mãe, do meu pai, do meu irmão e de mim num casamento a que fôramos juntos, no jardim da nossa antiga casa ao lado, ou ainda diante dos carros e das casas que pertenciam ao meu avô ou ao meu tio. Tirando casos excepcionais — como a substituição das fotografias da primeira mulher do meu tio pelas da segunda —, nunca se mexia naquelas fotos, tal como não se toca nas coleções completas e definitivas que podem encontrar-se nos antigos museus. Já as tinha observado uma a uma centenas de vezes, mas quando entrava na sala punha-me de novo a olhar para aquela plêiade de imagens.

Cada novo olhar para aquelas fotografias evocava em mim a importância da vida e dos instantes que quisemos preservar do tempo para os pôr em realce no interior de uma moldura. Observando ao mesmo tempo o meu tio que interrogava o meu irmão mais velho sobre um problema de matemática e uma fotografia dele tirada trinta anos antes, ou então o meu pai a folhear as páginas do jornal e a ouvir as piadas que se diziam à volta, como podia adivinhar-se pelo seu sorriso, ao lado de uma fotografia dele com cinco anos em que exibia, como eu, o cabelo tão comprido como o de uma rapariga, tinha de súbito a impressão de que a existência era feita para oferecer oportunidades de viver esses momentos especiais que se metiam dentro das molduras. Quando observava a minha avó paterna que, de vez em quando, falava do meu avô (que morrera bastante jovem) como se ele fosse o fundador de um Estado, apontando com a mão para as fotografias que se encontravam nas mesas e nas paredes, parecia-me que ela punha a tónica nessa dualidade que existia entre a vida e o instante inesquecível, a banalidade e o protocolo. Compreendia então com humildade a importância e o significado desses instantes que se guardavam dentro das molduras, para os preservar do tempo e do desgaste que atinge os objectos e as pessoas. Por outro lado, tudo isso me incomodava.

Durante a minha primeira infância, gostava muito de ver toda a minha família reunida para jantar e brincar, ou então por altura de uma refeição durante as festas do Ramadão ou do Aïd, ou ainda no jantar de Ano Novo, em que dizia sempre «para o ano já não venho» e a que nunca faltei, jantar esse que terminava numa tómbola em que todos participávamos, o que me agradava muito. As piadas e os risos que se trocavam nestas refeições em família, nomeadamente na do meu tio, sob o efeito do raki e da vodca, e na da minha avó, que bebia sempre um pouco de cerveja, levavam-me a acreditar que a vida que ficava fora das molduras era muito mais divertida. E esse ambiente dava-me também a impressão falaciosa de que a felicidade era efectivamente um sentimento de segurança, uma brincadeira, um momento de tranquilidade que se partilhava com a família ou também com outras pessoas. Mas também comecei a notar, a partir do momento em que me tornei capaz de compreender, até que ponto os membros da

minha família, que se divertiam e riam juntos durante as refeições festivas, eram implacáveis entre eles quando se tratava da partilha dos bens e da herança, fonte de discussões inflamadas. Quando estávamos sozinhos no nosso apartamento, no seio da nossa família nuclear de quatro pessoas, a minha mãe contava-nos, num tom zangado, de que maneira a família alargada nos prejudicava, e falava deles tratando-os por «a vossa tia», «o vosso tio», «a vossa avó». A discussão em torno da partilha de certas coisas, como as acções da cordoaria, ou o andar de um prédio, provocavam sempre altercações, disputas e amuos que duravam muito tempo. Talvez as piadas que se trocavam no apartamento da avó me fizessem esquecer por um momento essas histórias sombrias, que se assemelhavam às rachas visíveis nos vidros finos que protegiam as fotos de felicidade expostas em cima do piano, mas já tinha percebido, desde a minha mais tenra idade, que por trás dessas piadas se escondiam ajustes de contas e insinuações. Notava também que até as mulheres da limpeza de cada um dos núcleos familiares que constituíam a nossa grande família se atribuíam o dever de discutir umas com as outras com o mesmo espírito de competição (por exemplo, a nossa criada, senhora Esma, e Ikal, a criada da minha tia).

— Olha lá, ouviste o que disse Aydin? — perguntava a minha mãe no dia seguinte ao pequeno-almoço.

O meu pai, curioso, respondia: — O que foi que ele disse? — Após ouvir a história, punha ponto final ao assunto dizendo: — Deixa lá isso, por favor. — Depois voltava a mergulhar no jornal.

Sentia que os laços desta família, que vivia ainda como um grande agregado otomano tradicional de Istambul, agrupado no mesmo *konak*³ de madeira, haviam apodrecido e começavam a dar de si, não por motivo de todos aqueles conflitos e discussões, mas por causa das sucessivas falências do meu tio e do meu pai que se metiam constantemente em novos negócios, e também porque o meu pai se ausentava cada vez mais. A minha



³ Grande e rica mansão tradicional, palacete. (NT)

mãe levava-nos de vez em quando a visitar a «avó materna», em Şişli. O meu irmão e eu passávamos o tempo a brincar nos vários quartos cheios de fantasmas da sua casa, enquanto a minha mãe contava à dela que as coisas não corriam muito bem. E a minha avó, recomendando-lhe que mantivesse a calma e o sangue-frio, dava-nos a entender que aquela casa de três andares coberta de pó, onde ela vivia sozinha e para onde havia o risco de a minha mãe voltar, não tinha absolutamente nada de atraente.

O meu pai, tirando os momentos em que se encolerizava, considerava-se contente com a sua sorte, satisfeito com a sua pessoa, com o seu físico e a sua inteligência, e mostrava-se sempre alegre com uma graça infantil comedida. Lembro-me de quando ele assobiava sem parar por toda a casa, admirando-se ao espelho, pondo no cabelo, para o fazer brilhar, o sumo de um limão que espremia na palma da mão.

Gostava de brincar, dos jogos de palavras, de piadas e partidas, de recitar poemas que sabia de cor, de mostrar os seus conhecimentos e de viajar para longe de avião. Não era o género de pai que ralhava, proibia ou castigava. Durante os primeiros anos da minha infância, nomeadamente, quando ia passear sozinho com ele, ou quando o acompanhava a qualquer lado, tinha a impressão de que a Terra era um lugar divertido para onde se vinha para se ser feliz.



Enquanto o meu pai ficava silencioso perante o que era mau, hostil ou simplesmente aborrecido, a minha mãe chamava-nos a atenção, impunha-nos proibições, tomava medidas, de cenho franzido, contra os elementos sombrios da vida. Isso tornava-a menos divertida do que o meu pai, mas eu tinha uma necessidade enorme do seu amor e da sua afeição, porque ela nos dedicava muito tempo, contrariamente ao meu pai que fugia de casa de cada vez que se lhe apresentava a oportunidade. Aliás, a obrigação de rivalizar com o meu irmão mais velho para beneficiar do afecto da minha mãe foi, desde o princípio, uma realidade fundamental na minha vida.

A luta violenta que travava contra o meu irmão no âmbito desta concorrência para obter a afeição da nossa mãe deixou-me na alma marcas muito mais fundas do que as que me teriam infligido a autoridade, a força e o poder que o meu pai nunca nos fez sentir. Mas, naquela altura, eu não podia analisar a situação como hoje. A princípio, essa rivalidade nunca se manifestava directamente, fazia parte de um jogo em que nos imaginávamos um ao outro como personagens. A maior parte das vezes não nos confrontávamos como Şevket e Orhan, mas sob a identidade de futebolistas ou de heróis com quem cada um de nós se identificava. Estávamos tão embrenhados na representação e na pele das personagens que interpretávamos, reais ou imaginárias, que parecíamos esquecer que os dois indivíduos que se batiam e tentavam ciosa e mutuamente ferir-se, ridicularizar-se e esmagar-se eram de facto irmãos. O meu irmão, que iria manifestar durante toda a sua vida um interesse muito especial pelas estatísticas do sucesso e pelos pormenores dos relatos dos vencedores, levava a melhor em noventa por cento dos nossos jogos e batalhas, como viria a dizer-me anos mais tarde, depois de ter feito os seus cálculos.

Quando o pessimismo, a tristeza e o aborrecimento me acabrunhavam, saía do nosso apartamento sem dizer nada e descia até ao da minha tia para brincar com o meu primo, ou então, na maior parte das vezes, subia até ao andar da minha avó paterna. (Um dia a minha mãe disse-me: «Na tua infância, nunca disseste que te aborrecias, como faz a maioria das crianças.») O interior de cada um dos apartamentos, e os objectos que lá se encontravam, como a louça e os açucareiros, por exemplo, ou as poltronas e os cinzeiros, assemelhavam-se muito; no entanto, cada andar parecia ser outro mundo, outro país. A sala pejada de objectos da minha avó era muito triste, e talvez fosse essa a razão por que eu gostava de ir para lá brincar; imaginava, à sombra dos vasos, das fotografias emolduradas e das mesas baixas dessa sala, que parecia um museu, que me encontrava num lugar diferente.

Assimilara o apartamento da minha avó, à luz do qual toda a família se reunia à noite, à moradia do capitão de um grande barco. Nós éramos ao mesmo tempo o capitão e a tripulação desse navio que avançava sob a tempestade, mas também os seus viajantes que se inquietavam cada vez mais à medida que as ondas se tornavam maiores e mais violentas. Esta imaginação devia muito aos sonhos que eu tinha à noite enquanto esperava o som das tristes sereias dos barcos que navegavam no Bósforo, e a ideia de que tanto a sorte do navio como a nossa se encontravam nas minhas mãos enchia-me de orgulho.

Apesar da minha imaginação, que evocava também em mim os heróis dos romances ilustrados que o meu irmão lia, adivinhava que, tal como quando pensava em Deus, o nosso destino, só porque éramos ricos, nada tinha que ver com o das multidões que constituíam a cidade. Mas nos anos que se seguiram, as falências do meu tio e do meu pai, as partilhas dos bens e das propriedades, as discussões entre os meus pais provocaram

fissuras que desagregaram e empobreceram a grande família e também o nosso pequeno agregado nuclear; isso enchia-me de tristeza de cada vez que ia visitar o apartamento da minha avó. Esse sentimento de derrota, de perda, de tristeza que Istambul herdara na sequência da queda do Império Otomano tinha acabado por nos afectar também, embora um pouco mais tarde e a propósito de outro pretexto.

3

«EU»

Nos meus instantes de felicidade — e a minha infância foi preenchida deles —, não era a minha própria existência que eu sentia, mas o facto de que o mundo era bom, bonito, agradável e ensolarado. Uma comida de que não gostava, um gosto mau, uma agulha espetada na mão, estar fechado, quando era bebé, mordendo raivosamente as grades de uma gaiola de madeira (que mesmo assim se chamava «parque») para me impedir de fugir, ou então — e esta é uma das minhas recordações de infância mais dolorosas — chorar horas seguidas porque tinha entalado o dedo na porta do carro do meu tio, não me ensinaram o que eu próprio era, mas uma certa ideia do mal e do sofrimento que era necessário evitar a todo o custo. No entanto, por entre as apalpa-delas, as ilusões e as tensões da minha própria consciência, o sentimento de que eu me pertencia, de que constituía um eu integral, trabalhava dentro de mim e dava-me uma sensação de culpa extremamente grave.



Quando o meu irmão, dois anos mais velho do que eu, começou a ir à escola, fiquei privado, entre os quatro e os seis anos, do sentimento de amizade e solidariedade que criámos entre nós. No entanto, como isso

me permitia escapar à sua superioridade física e evitar as relações de concorrência, e como a Residência Pamuk, a ternura e o interesse da minha mãe passaram a ser-me exclusivamente reservados durante uma boa parte do dia, foi nesses dois anos escolares do meu irmão que me senti eu próprio mais plenamente, que pude descobrir o que significava ficar sozinho e acumular pela primeira vez memórias perturbadoras e inesquecíveis.



Dantes mandava o meu irmão ler-me os balões dos seus romances ilustrados, depois de ele começar a ir para a escola, eu próprio os «lia» recordando o que tinha ouvido. Numa tarde suave e quente em que eu via as páginas da revista *Tommiks* — tinham-me deitado para a sesta de depois do almoço mas não adormeci imediatamente —, senti que a minha pilinha (a que a minha mãe chamava «bibi») ficava dura. Isso aconteceu quando olhava para o desenho de um pele-vermelha seminu que tinha a tapar-lhe o bibi apenas um bocado de pano que caía a direito como uma bandeira do pau: tinha sido desenhado um círculo no meio do pano.

Noutro dia, também durante a sesta de depois do almoço, deitei-me em pijama por cima do cobertor e, quando falava com o meu urso — sempre tive o urso, desde que me conhecia —, senti de novo a mesma turgescência. Essa nova e agradável mudança, com uma magia que eu não podia entender — mas que escondia dos outros —, aconteceu precisamente no instante em que eu dizia ao urso: «Atenção, vou comer-te!» Noutras ocasiões, quando eu pegava no meu ursinho — aliás, não tinha uma fixação excessiva por ele —, esse estranho endurecimento acontecia também quando eu o ameaçava com as mesmas palavras. Esse «atenção, vou comer-te!» é a expressão que surge nas passagens assustadoras dos contos que a minha mãe me contava. Os *div*, que na literatura clássica iraniana são irmãos dos diabos e dos *djinns* — e dos quais vim a saber muito tempo depois que eram desenhados a tinta, há quatrocentos anos, como horríveis monstros com cauda, baixotes e atarracados —, ao passarem do persa para o turco de Istambul e dos seus contos, tornaram-se gigantescos. Forjei uma ideia

do que era um gigante a partir da capa de um opúsculo de extractos escolhidos dos *Contos de Dede Korkut*⁴. Aí, uma criatura fenomenal seminua — como os peles-vermelhas —, poderosa e um tanto repulsiva, dava a impressão de reinar sobre o mundo inteiro.

A expressão «atenção, vou comer-te!», que ouvia da boca da minha mãe, significava: engolir todo cru, matar, aniquilar. Durante todos esses anos, o meu tio paterno comprara um pequeno projector e passava para toda a família reunida — na parede branca por cima da lareira, donde tirávamos cerimoniosamente as fotografias do meu avô e da minha avó paternos — pequenos filmes de dez ou doze minutos (Charlot, Walt Disney, Bucha e Estica) alugados na loja de um fotógrafo de Nişantaşı. Uma curta-metragem de Walt Disney, peça da colecção inventariada do meu tio, só foi passada duas vezes, por culpa minha. Neste filme, um gigante arcaico do tamanho de um prédio, bastante pateta e desastrado, perseguia o ratinho Mickey, que se escondera no fundo de um poço. O gigante, então, arrancava o poço da terra com um puxão e, no momento em que o levava à boca como se bebesse um copo de água, o minúsculo ratinho caía-lhe na goela. Orhan desatava a chorar com soluços fortes. Ainda hoje, a tela de Goya exposta no Museu do Prado intitulada *Saturno devorando um dos seus filhos* — que eu vejo como a representação de um homenzinho arrancado da terra pelo gigante que o leva à boca — continua a estarrecer-me.

Uma ocasião, à hora da sesta, quando eu ameaçava mais uma vez o ursinho e, com esse acto, lhe mostrava uma estranha afeição, a porta abriu-se bruscamente e o meu pai viu de relance os meus calções baixados e o meu sexo erecto. Fechou a porta mais devagar do que a tinha aberto, mas com um respeito que, na altura, senti profundamente. De facto, à hora do almoço, o meu pai costumava passar por casa, comer qualquer coisa e, depois de descansar um pouco, ia dar-me um beijo antes de voltar para o trabalho. O sentimento de ter feito algo de incorrecto e de, pior ainda, o ter feito por prazer, foi envenenando em mim, insidiosamente, a própria ideia de prazer.

Noutra ocasião, como a minha mãe tivesse saído de casa — depois de mais uma das suas eternas zangas com o meu pai —, quando a ama-seca contratada me lavava no bidé, aconteceu-me de novo a mesma coisa. Lembro-me de que a mulher disse, com uma voz a léguas do afecto, que eu era «como os cães», mas que prazer me dava a água quente, ser lavado, o calorzinho.

O que tornava estas experiências nojentas e vergonhosas não era apenas o facto de não poder controlar aquela reacção do meu corpo, mas sim estar convencido de que aquilo era uma coisa estranha que só a mim acontecia. Só cinco ou seis anos mais tarde percebi que a erecção não estava reservada

⁴ Saga da tribo Oghuz, da Ásia Central, constante dos textos e narrativas entre os séculos X e XI; a sua «gesta» fixou-se a partir do século XV, nos reinados dos Akkoyun. (NT)

exclusivamente à minha pessoa. Foi no colégio, quando fui parar a uma turma em que as raparigas estavam separadas dos rapazes, ao ouvir os outros rapazes dizerem coisas do género: «a minha levantou-se».

A partir do medo de que aquele endurecimento me estivesse exclusivamente reservado, cheguei à conclusão de que era necessário esconder o «mal» que morava dentro de mim. Também isso reforçou o meu hábito de viver num mundo paralelo, fechado aos outros, ao qual ninguém poderia aceder. Além da erecção — que, de resto, não era assim tão frequente — sentia que a principal fonte do mal que me habitava era a minha forte e inconveniente capacidade de sonhar. Vivendo num apartamento que se assemelhava a um museu, vítima do aborrecimento infinito que me invadia a maior parte do tempo, sonhava que vivia noutra parte e que era outra pessoa. Tornava-se muito fácil para mim fugir até esse mundo paralelo que escondia na minha cabeça como um segredo. Sentado, por exemplo, numa sala da minha avó paterna, imaginava que estava num submarino. Foi nessa altura que me levaram pela primeira vez ao cinema — a Beyoğlu, ao cinema Saray⁵ que cheirava a pó — ver a adaptação de *Vinte Mil Léguas Submarinas* de Júlio Verne, filme cujos silêncios me assustavam. As cenas meio escuras do filme a preto e branco, e os espaços interiores sombrios que a câmara nunca largava lembravam-me a nossa casa. Perdi de certeza muitas coisas do filme, visto que ainda não sabia ler as legendas, mas não era também assim que eu lia os romances ilustrados do meu irmão? Com o poder da minha imaginação era muito fácil para mim criar os lugares onde não podia ir. (Ainda hoje, o mais importante para mim, quando leio, não é compreender mas fabricar ficções a partir do que leio.) Essas ficções que eu engendrava partindo de um elemento pessoal, como quando se intervém conscientemente num sonho, não eram epifenómenos que me escapavam, como o «endurecimento», mas mundos sobre os quais eu podia exercer o meu controlo à vontade. Sob o efeito da minha poderosa imaginação, apagava de um golpe a mesa trabalhada sob o grande lustre, uma mesa de tampo enorme, incrustada de ornatos em madreperla, apagava esses ornamentos gravados, que poderia qualificar de quase barrocos, e imaginava que havia ali uma grande montanha digna dos romances que eu «lia», depois sonhava que havia lá uma civilização diferente, à imagem daquela montanha alta e estranha. Depois começava a ver todos os objectos da sala como outras montanhas, transformava-me em avião sobrevoando os cumes, entrava em velocidade de ponta.

— Pára de dar às pernas, já tenho a cabeça às voltas — dizia-me a avó sentada à minha frente.

⁵ *Saray*: antigo «cinema Luxemburgo», aberto em 1914 numa rua perpendicular à Grande Rua de Pera (Avenida Istiklâl), «cinema Saray» desde 1933. Esta sala, fechada em 1986, foi, entre 1930 e 1970, um dos lugares culturais mais em voga de Beyoğlu, famoso não só pelos filmes mas também pelos seus concertos e outros espectáculos. (NT)

Imobilizava as pernas, mas o avião das minhas quimeras mergulhava e desaparecia por entre o fumo do cigarro *Gelincik*⁶, que a minha avó expirava sem inalar, e o meu olhar penetrava numa floresta onde se encontrava uma multidão colorida de coelhos, de folhas, de cobras e de leões — que eu já identificara antes nos motivos dos tapetes. A seguir mergulhava numa aventura digna dos romances ilustrados. Provocava um incêndio, matava algumas pessoas, montava a cavalo, lembrava-me como tinha espalhado os berlindes do meu irmão que estava na escola; e, como continuava a estar atento aos ruídos do prédio, sabia, pelo barulho da porta do elevador, que o porteiro Ismail tinha chegado ao nosso andar; entretanto, já era solicitado para uma nova aventura entre os peles-vermelhas seminus. Agradava-me incendiar casas, crivar de balas as pessoas que lá se encontravam, ou de pensar que me evadia cavando um túnel. Sentia prazer em matar uma mosca, esmagando-a lentamente, que capturava entre o vidro da janela e a cortina impregnada do cheiro a tabaco; depois, quando ela caía na madeira furada da superfície do aquecedor, imaginava que o insecto agonizante era um bandido a quem aplicava o merecido castigo. Até aos meus quarenta e cinco anos, naquele suave intervalo entre o sono e a vigília, liquidei sempre algumas pessoas porque sabia que esses pensamentos me fariam bem. Apresento as minhas desculpas a essas pessoas, em parte meus parentes próximos — e mesmo pessoas extremamente próximas como o meu irmão —, em parte políticos e literatos, em parte comerciantes, mas na sua maioria produtos da minha imaginação. Aconteceu-me muitas vezes rir-me ao pontapear gatinhos depois de os ter acariciado afectuosamente — sem que ninguém visse, em momentos de dúvida, de desespero e de vazio; depois envergonhava-me disso e transbordava de afeição pelos gatos. Vinte e cinco anos depois, no serviço militar, depois do almoço, quando todo o regimento estava sentado a fumar e a tagarelar, imaginei que as cabeças dos setecentos e cinquenta soldados — que de longe se pareciam todas umas às outras — se separavam dos corpos e que os pescoços seccionados e sanguinolentos bruxuleavam por toda a enorme cantina a que o fumo dos cigarros coloria de um azul suave e translúcido; um dos meus camaradas até me gritou: «Pára de baloiçar com as pernas, amigo, já chateia, estou farto.»

Em criança pensava que só o meu pai estava ao corrente da existência desse mundo paralelo, que eu escondia como um segredo, tal como ao «endurecimento» do meu bibi. E, no meu íntimo, quanto mais o escondia mais o seu carácter não pernicioso se impunha.

Uma vez que eu estava a pensar no ursinho a que tinha arrancado o único olho e emagrecido ao tirar-lhe mais um bocado de recheio de palha

⁶ *Gelincik*: marca de cigarros «locais» para mulheres fabricados pelo monopólio estatal do tabaco, muito na moda entre os anos de 1950 e 1970. Os filmes turcos dessa época, e mesmo a poesia, fazem referência a esta marca de nome tão incerto (papoila, jovem noiva...) (NT)

pelo buraco da barriga; e que imaginava que o brinquedo comprado pela terceira vez, porque já destruíra dois por excesso de amor e entusiasmo (era um futebolista do tamanho de um dedo que chutava quando se carregava num botão que tinha na cabeça), entregaria a alma ao Criador no sítio onde tinha escondido o seu corpo ferido — depois de o ter partido



uma terceira vez; e que, cheio de medo, pensava nas fuinhas que andavam pelos telhados das casas contíguas, como jurava por Deus Esmá Hanim, a criada do nosso andar, o meu pai disse-me de repente: «Diz-me no que estás a pensar, seja o que for, e eu dou-te vinte e cinco *kuruş*.»

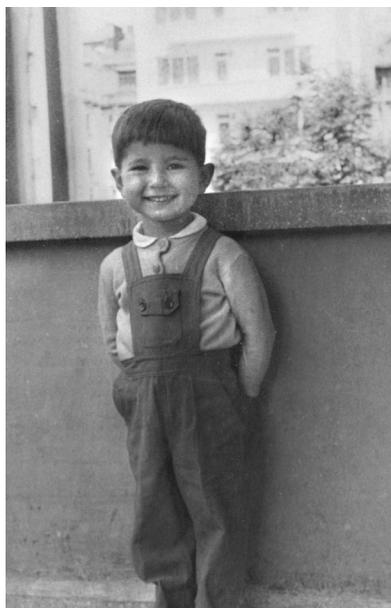
Como fiquei calado, hesitando entre dizer o que estava a pensar, dizê-lo comendo um pouco as coisas, ou forjar uma mentira, o meu pai acrescentou, sorrindo: — Agora já não sabes, devias tê-lo dito imediatamente.

Acaso poderia o meu pai viver também nesse mundo paralelo? Até que ponto esta prática — legitimada desde há muito com a expressão «construir sonhos», como vim a descobrir anos mais tarde — constituía na minha cabeça de criança uma coisa bizarra e só minha? Evitei fazer também esta pergunta a mim próprio, não só porque estava dominado pelo pânico suscitado pelas palavras do meu pai, mas porque era dotado da faculdade de esquecer, com a melhor das intenções, as coisas incómodas.

Além da ideia de que construir sonhos era uma esquisite exclusiva da minha pessoa, havia outra razão para esquecer o que me passava pela cabeça: o medo de que o mundo paralelo me impedisse de voltar à realidade. Estava a minha avó sentada em frente de mim, e eu piscava os olhos fixando a luz do sol que entrava na sala através das cortinas; ou então, à noite, as estranhas luzes dos projectores dos *vapur* no Bósforo. De súbito, consoante as minhas fantasias, começavam a passar-me diante dos olhos navios espaciais, como eu as queria imaginar; mas depois podia voltar ao

mundo normal tranquilamente, apagava o sonho, como alguém que fecha a luz ao sair de um quarto («apaga a luz»: esta é uma das expressões que eu mais ouvi na minha infância).

A diferença entre o homem que acredita ser Napoleão e o homem que se compraz em sonhar que é Napoleão é a mesma que entre um infeliz esquizofrénico e um feliz sonhador. Compreendo muito bem a pessoa «esquizofrénica» que não consegue viver sem sonhar outro mundo e sem encarnar outra personalidade, mas tenho pena dos esquizofrénicos e desprezo-os (secretamente), porque são prisioneiros de um mundo paralelo e estão privados de um mundo «original» feliz e sólido aonde possam regressar. O que me fazia correr para o mundo paralelo ou o que me levava a pensar que existia em Istambul outro Orhan, noutra casa, e que eu poderia tomar o lugar dele, era que as salas e os corredores das casas-museus, os tapetes (detesto tapetes) e a multidão de homens positivistas versados em palavras cruzadas e matemática eram eminentemente aborrecidos; era também a superabundância de indícios da ausência de espírito, da ausência de amor, da ausência de desenho e de literatura (ou de histórias contadas) — evidência que eles negavam quando envelheciam; era, por fim, o facto de a casa ser um lugar escuro e melancólico a abarrotar de objectos. Não era de modo algum a minha própria infelicidade.



Com efeito, na minha infância, e muito especialmente nos dois anos que antecederam a minha entrada na escola primária, senti-me muito feliz. Digamo-lo com ironia: eu era um rapazinho que as pessoas achavam muito

«giro», adorável, uma criança que era beijada gulosamente e passada de colo em colo, um petiz inteligente e sossegado, não só no seio da família e com os amigos íntimos, mas também em geral. Os beijinhos, os elogios, as meiguices, mas também a maçã que me oferecia de graça o senhor da frutaria («Não a comas sem a lavares», dizia logo a minha mãe), o figo seco que me dava o vendedor de café (dizia a minha mãe: «É para a sobremesa», ao mesmo tempo que sorria educadamente ao senhor), o bombom que me dava uma titi vagamente aparentada, que encontrávamos por acaso na rua («Diz obrigado», mandava a minha mãe) — tudo isso e muitas coisas mais me faziam sentir que era necessário esconder de mim próprio os medos, a estranheza e a inconveniência do meu mundo paralelo imaginário. A maior razão de queixa da minha infância prendia-se com a impossibilidade de ver para lá das paredes, em boa verdade não podia olhar para mais nada que não fosse o céu, nem sequer podia ver o edifício em frente do nosso quando olhava pela janela; tinha que ver com o facto de não poder observar o talhante — quando ia com a minha mãe ao talho malcheiroso em frente da esquadra da polícia (acabava por esquecer o mau cheiro, mas quando saía para a rua voltava a senti-lo) — a cortar a carne no balcão com as suas facas, grandes como uma perna das minhas, com a impossibilidade de espreitar para dentro do frigorífico dos gelados ou para os tampo das mesas e dos balcões, e, por fim, com a minha impossibilidade de chegar aos botões do elevador e da porta. Quando havia um incidente na rua, ou quando via de repente seis polícias a passarem, havia sempre um adulto que se punha à minha frente e eu perdia metade dos acontecimentos. Nos desafios de futebol a que o meu pai nos levava desde muito novos, logo que se esboçava uma jogada perigosa, toda a gente se levantava ao mesmo tempo, de repente, e eu nunca podia ver como eram marcados os golos. Mas como, nos jogos de futebol, a minha atenção se centrava menos na bola e mais nos *pide*⁷ de queijo, nas tostas de *kaşar*⁸ e nos chocolates embrulhados em papel dourado que o meu pai levava para nós, não sofria tanto com essa frustração visual como o meu irmão. O que eu mais detestava era ver-me preso, à saída dos jogos, entre os milhares de pernas dos homens que avançavam em formação cerrada e implacável, e, nesse contexto sufocante, ver o mundo como uma floresta escura e abafada de pernas de homens com calças engelhadas e calçado cheio de lama. Por isso devo confessor que, tirando as mulheres bonitas como a minha mãe, não gostava dos adultos por aí além. Eram feios, peludos e grosseiros. Demasiado desastrados, pesadões, realistas. Também eles tinham visto, no seu tempo, que no interior deste mundo existia um outro, paralelo, mas tinham perdido as suas faculdades de espanto e imaginação.

⁷ *Pide*: espécie de massa de *pizza* grossa, que serve de base a certos pratos e é mesmo comida em vez de pão. (NT)

⁸ *Kaşar*: queijo de vaca pastoso que é comido muitas vezes fundido. (NT)

É certo que me agradava que eles me achassem adorável, que eles dissessem constantemente que eu era «giro», que me sorrissem com meiguice mal me viam, que me mimassem com prendas, mas os seus beijos sistemáticos incomodavam-me. O cheiro a tabaco que exalavam, ou então os eflúvios pesados de perfume, eram-me repugnantes, os pêlos ou as barbas das suas caras importunavam-me. O que mais repulsa me causava nos homens eram os pêlos das costas das mãos ou do pescoço, e ainda mais os que lhes saíam das orelhas e das narinas, e pensava que só podiam ser criaturas más e vulgares. Todas estas recriminações nos levam rumo à vida fora de casa, às ruas de Istambul.